

Literatura juvenil: aspectos, dúvidas e contradições¹

Ricardo Azevedo²

Este artigo pretende levantar e discutir questões e contradições relativas principalmente à chamada “literatura juvenil”.

1. Sobre a literatura e o sistema cultural dominante

Toda a literatura é obra de indivíduos mas obviamente é também uma manifestação da sociedade em que é produzida. Escritores não habitam o vácuo.

Ao mesmo tempo, num outro plano, a literatura deve ser vista, conforme sugeriu Norbert Elias³, entre outros, como testemunho e expressão de um certo nível de consciência construído socialmente. Tal fato pode implicar a existência de diferentes modelos culturais atuando sinergicamente no interior de uma mesma sociedade e numa mesma época.

Na sociedade brasileira, por exemplo, os padrões sociais, éticos e estéticos das culturas populares, marcados pela oralidade e suas implicações, diferem nitidamente dos padrões considerados eruditos e/ou modernos, marcados pela cultura escrita e suas implicações⁴.

Em geral, julgamos que o nosso padrão de “consciência” seja bem melhor, mais evoluído e mais lógico do que outros.

Embora confortável, tal postura lembra as tais “fórmulas feitas” sugeridas por John Searle: tem o dom de nos fazer abandonar os problemas antes de resolve-los.

¹ Artigo escrito a partir de palestra na IX Jornada de Literatura dentro do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e Crítica Literária da PUC-SP, em novembro de 2010. Retomo aqui tema tratado em vários artigos, entre eles, “A didatização e a precária divisão de pessoas em faixas etárias: dois fatores no processo de (não) formação de leitores” publicado em *Literatura e Letramento – Espaços, suportes e interfaces – O jogo do livro* - Org. por Aparecida Paiva, Aracy Martins, Graça Paulino e Zélia Versiani, 2003. Publicado na Revista FronteiraZ, São Paulo, n. 6, abril de 2011. <http://www.pucsp.br/revistafronteiraz>

² Escritor e doutor em Letras pela USP.

³ C.f. Norbert Elias. *A sociedade dos indivíduos*. 1994.

⁴ Sobre a questão escrita/oralidade sugiro particularmente os estudos de Eric Havelock, Walter Ong, Jack Goody e David Olson.

A “cultura moderna”, o sistema cultural dominante, fonte indiscutível de nossa visão de mundo (e de nosso “nível de consciência”), costuma ser descrita como um modelo social impregnado por uma ideologia individualista (segundo a qual os interesses individuais são, por princípio, mais importantes que os da coletividade), pela visão de mundo fundada na economia e na técnica, e pela idéia de mercado “local onde tudo pode ser trocado, comprado e vendido”⁵. Nesta paisagem, a relação dos homens com as coisas pode ser mais valorizada do que a relação entre os homens.

Somando tudo, temos uma sociedade composta de pessoas que tendem a sentir-se separadas ou “autônomas” em relação ao tecido social.⁶

Parece razoável reconhecer que de fato, nos tempos de hoje, as pessoas costumam dar preferência, por vezes quase que exclusivamente, a seus próprios interesses (de certa forma, acreditam viver no vácuo) e a valorizar coisas – dinheiro, imóveis, diplomas, cargos, marcas, produtos e símbolos variados de *status* – em detrimento de pessoas.

Ocorre que o individualismo, caso se desenvolva de forma exacerbada e acrítica pode, como sabemos, ter como resultado uma civilização às avessas: a guerra de todos contra todos e o desrespeito às autoridades, leis e hierarquias constituídas democraticamente.

No caso da literatura, teorias que enxergam as artes – manifestações de indivíduos claramente fundadas em sociedades e culturas – como compostas paradoxalmente de objetos “autônomos”⁷ são, creio, ótimas representações do modelo individualista e técnico dominante.

Num contexto marcado pela idéia de que “tudo” – e vale sublinhar esse “tudo” – “pode ser trocado, comprado e vendido” é preciso, antes de mais nada, identificar mercados de consumo. Caso contrário, trocar, comprar e vender, como?

Eis porque somos levados a encarar com naturalidade a idéia de que existem literaturas dirigidas a públicos específicos: literatura infantil, literatura juvenil, literatura adulta etc. Numa sociedade de consumo, faixas etárias são principalmente fatias de mercado.

⁵ C.f. Roberto Da Matta. *Carnavais, malandros e heróis – Para uma sociologia do dilema brasileiro*. 1979.

⁶ C.f. Louis Dumont. *O individualismo - Uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*. 2000.

⁷ C.f. por exemplo Harold Osborne. *Estética e teoria da arte*. 1970.

Não me refiro, note-se, apenas a livros mas a uma imensa gama de produtos “recomendados”, “adequados” ou “dirigidos” seja ao “público juvenil”, seja a outros mercados.

Como pano de fundo, temos a constituição de sistemas peritos e os mais variados especialistas formados e diplomados para tratar dos problemas “específicos”, por exemplo, da “juventude”.

Como dizem Luckmann e Berger⁸, vivemos num modelo social tão especializado que nele, por vezes, deixamos de fazer coisas porque dão resultados concretos e perceptíveis [ou seja, abrimos mão de nossa intuição, inteligência, experiência e poder de observação] e passamos a fazê-las tomando por base definições, princípios abstratos, prescrições e instruções decretadas por *experts*.

Para David Olson, vale lembrar, estamos habituados desde o tempo da escola a construir nosso pensamento a partir de premissas, sem discuti-las⁹.

Entretanto, poucos gostariam de consultar um médico ortopedista que saiba examinar minuciosamente o joelho machucado sem perceber que seu dono apresenta sintomas evidentes de caxumba ou anorexia.

Especialistas costumam ser preparados para enxergar partes sem levar em conta a existência do todo.

Seriam as pessoas de diferentes idades assim tão diferentes entre si a ponto de constituírem grupos homogêneos e estanques?

Em todo o caso, é preciso reconhecer, a divisão de pessoas em faixas etárias, para além de organizar classes escolares e compor fatias mercados, pode ser produtiva em diversas situações. Ela é útil, por exemplo, ao sugerir a existência de diferentes graus de amadurecimento, diferentes estágios cognitivos e diferentes fases de vida vinculados a faixas de idade.

Em termos de sociabilidade, tal fato tem um significado importante: numa família, o papel do pai é, ou deveria ser, bastante diferente do ocupado pelo filho. O mesmo ocorre entre professor e aluno e mesmo, no geral, entre as pessoas mais velhas e as mais moças.

⁸ C.f. Peter Berger e Thomas Luckmann. *A construção social da realidade*. 2002.

⁹ C.f. David Olson. *O mundo no papel – As implicações conceituais e cognitivas da leitura e da escrita*. 1997.

Entram em cena aqui princípios hierárquicos civilizatórios (refiro-me tanto a certas hierarquias naturais como àquelas estabelecidas democraticamente. Note-se que o individualismo acrítico, comum nos dias de hoje, convive mal com a noção de hierarquia); os diferentes graus de experiência e de conhecimento; a diferenciação entre autoridade (a confiança conquistada legitimamente) e autoritarismo (a obediência obtida à força); enfim, a responsabilização dos mais experientes em relação àqueles que acabaram de chegar ou estão no mundo há menos tempo. Até animais a conhecem.

Para Hannah Arendt cabe aos adultos apresentar aos “recém chegados” a cultura, a sociedade e o homem¹⁰. Trata-se de uma responsabilidade essencial da qual nenhum adulto poderia abrir mão.

O que faria um “recém chegado” sem cultura humanista, um “analfabeto social” indiferente aos outros homens e às outras culturas, um egocêntrico despolitizado treinado para ser um mero técnico consumidor, quando crescesse, eventualmente chegasse ao poder, e tivesse armas de destruição em massa nas mãos?

É preciso apontar outra contradição: vivemos um processo cultural de clara infantilização do adulto. Ídolos populares como Michael Jackson, roqueiros de 70 anos de cabelos pintados agindo como se tivessem vinte, ou mesmo adultos anônimos andando por aí travestidos de crianças, com bonés virados para trás e bermudas, são exemplos disso. Um dos resultados desse fenômeno patético, a meu ver ligado ao individualismo acrítico e ao consumismo, parece ser uma espécie de desresponsabilização geral e irrestrita com relação à política, à cultura, aos padrões de sociabilidade e à própria sociedade, sem falar na responsabilidade para com o meio ambiente. Obviamente, o efeito disso nas crianças é nefasto pois, neste modelo social, elas não têm espaço nem quem assuma sua formação.

Daí a importância fundamental e civilizatória da educação e ela implica a responsabilização de adultos com relação a crianças e jovens.

Em que pese o reconhecimento de que dividir pessoas em grupos etários possa ser, em várias situações, uma estratégia válida e necessária, não creio que tal procedimento deva ser naturalizado ou tratado de forma mecânica. É preciso matizá-lo e relativizá-lo sempre, afinal, falamos de seres humanos e não de peças de uma engrenagem.

¹⁰ C.f. Hannah Arendt, *Entre o passado e o futuro*. 2007.

Vejamos o que disse Lia Junqueira, fundadora do Movimento em Defesa do Menor, em sua obra *Abandonados*¹¹, referindo-se à vida de meninos moradores de rua:

De um lado, a rua acena com a liberdade: não existe horário, é um lugar lúdico. Por outro lado, é extremamente perigoso. São crianças e adultos ao mesmo tempo esses seres humanos que encontramos. Não podemos considerá-las crianças, porque não tiveram oportunidade para tanto(...). Nunca tiveram quem os protegesse. Já na saída da primeira infância começaram a assumir atitudes de adultos. Quando poderiam estar brincando protegidas, eram obrigadas a proteger um irmão menor que elas. Porém não podemos considerá-las adultos, porque seu desenvolvimento físico não é o de um adulto. O que elas são depende mais do referencial de cada um que com elas conversa. Se quiser encontrar a criança ela está inteirinha ali. Também se quiser encontrar o adulto, não tenha dúvida que se mostrará por inteiro.

Jorge Amado, em *Capitães de Areia*¹², aborda o mesmíssimo assunto:

... eles nunca tinham parecido crianças. Desde pequenos, na arriscada vida da rua, os Capitães da Areia eram como homens, eram iguais a homens. Toda a diferença estava no tamanho. No mais eram iguais: amavam e derrubavam negras no areal desde cedo, furtavam para viver como os ladrões da cidade. Quando eram presos apanhavam surras como os homens. Por vezes assaltavam de armas na mão como os mais temidos bandidos da Bahia. Não tinham também conversas de meninos, conversavam como homens. Sentiam mesmo como homens. Quando outras crianças só se preocupavam com brincar, estudar livros para aprender a ler, eles se viam envolvidos em acontecimentos que só os homens sabiam resolver. Sempre tinham sido como homens, na sua vida de miséria e aventura, nunca tinham sido perfeitamente crianças. Porque o que faz a criança é o ambiente de casa, pai, mãe, nenhuma responsabilidade. Nunca eles tiveram pai e mãe na vida de rua. E tiveram sempre que cuidar de si mesmos, foram sempre os responsáveis por si. Tinham sido sempre iguais a homens...

Como ensinou Mikhail Bakhtin, a ficção é uma forma extraordinariamente rica de “experimentalizar a verdade”.

Podemos pensar em pessoas de 24 anos que são estudantes e nunca trabalharam, mas têm automóveis, consomem produtos da moda, apreciam “baladas” e *games*, vivem confortavelmente e sem maiores responsabilidades que não seja a de cuidar de seus próprios interesses.

Podemos também pensar em pessoas de 12 anos que trabalham para sustentar a família, estudam à noite (quando estudam) e, às vezes, já são até pais de família.

Para o biólogo Jean Piaget, gente de 12 anos deveria estar no “nível IV”, estágio de desenvolvimento cognitivo e psicológico que pressupõe a capacidade para operações formais, o raciocínio abstrato e a formação de hipóteses independentemente da experiência direta.

¹¹ Lia Junqueira. *Abandonados*. 1986, p. 77.

¹² Jorge Amado. *Capitães de Areia*. 2008, p. 243/244.

No caso de pessoas de 12 anos mergulhadas na luta diária pela sobrevivência e que, eventualmente, tenham filhos para criar, qual a relevância de saber tudo isso? Se quisermos ir além das comodidades do mundo teórico, tais noções, quando mal aplicadas, podem ganhar um caráter relativo e secundário.

Abro parênteses. Não sou especialista em Piaget e sei que suas idéias são mais complexas e abrangentes. Ocorre que num tempo que valoriza em demasia técnicas, esquemas, classificações e rótulos, a leitura superficial deste autor pode servir para legitimar todo o tipo de classificação fora de lugar.

Mas voltando e, por outro lado, quem é mais criança ou mais adulto no exemplo citado acima? Os jovens de 12 ou os adultos de 24? Como diferenciar seus “níveis de consciência”? O que seria exatamente um público “juvenil”? O que representam afinal essas “faixas etárias”?

Tento dizer que a vida concreta obriga as pessoas a irem à luta e a utilizarem (ou subtilizarem) suas potencialidades, atropelando estágios cognitivos, teorias e classificações acadêmicas, seja por causa da luta pela sobrevivência, seja por neuroses familiares, por meras convenções sociais ou pelos mais variados e inesperados eventos da existência cotidiana.

De que adianta pensar em etapas do desenvolvimento cognitivo diante da prostituição infantil ou de menores traficantes de drogas?

De que serve saber que a invasão do complexo de favelas situado no Morro do Alemão, no Rio de Janeiro, está repleta de átomos, moléculas e neurônios?

Identificar “elementos” de “estruturas” assim como estabelecer fatias, graus, faixas e estágios da existência de forma impessoal, técnica e estatística, ou seja, decretar mecanicamente que pessoas de tantos anos “são” assim e pessoas de tantos anos “são” assado, constitui principalmente uma simplificação e uma redução. Deixa de fora, mesmo considerando pessoas da mesma idade, a vida concreta e iniludível: as singularidades; os modelos e padrões culturais; as diferenças, tendências e anseios pessoais; as experiências individuais; os acidentes de percurso; as crenças e visões de mundo; as questões morais; as diferentes maneiras de como julgamos correto nos comportar diante da vida e do mundo.

Creio que podemos examinar as pessoas do ponto de vista da diferença ou do ponto de vista da semelhança.

Pelo viés da diferença, de fato somos singulares e únicos. Cada caso é um caso, como demonstram, por exemplo, nossas impressões digitais.

Pelo viés da semelhança, pertencemos à espécie humana e esta tem um conjunto importante de pontos comuns: além de impressões digitais, temos mãos e dedos e costumamos usá-los de forma idêntica em todas as partes do mundo conhecidas. Fora isso, repito o que disse em outro artigo¹³. Trata-se do óbvio que nem sempre lembramos: somos eminentemente sociais (incapazes de viver sem uma sociedade ou, em outras palavras, não vivemos no vácuo); somos expressivos, emotivos, criativos e capazes de construir linguagens e símbolos (e não apenas utilizá-los e repeti-los); somos efêmeros (ou seja, envelhecemos e morremos); capazes de pensar em coisas como justiça, moral e estética; capazes de transformar a natureza e a sociedade (para melhor e para pior); capazes de sonhar com a construção de um futuro mais civilizado (em que os interesses da sociedade estejam o mais próximo possível dos interesses de cada indivíduo) e poderia ampliar bastante essa lista: todos somos sexuais, sonhamos, somos capazes de nos apaixonar, apreciamos o conforto, detestamos ser rejeitados, preferimos a solidariedade, costumamos ter dificuldade em distinguir realidade e fantasia e assim por diante.

Note-se que tais características independem de etnias e culturas, assim como de “níveis de consciência”. Independem também de faixas etárias. Somente crianças excepcionalmente pequenas deixam de ficar revoltadas (porque não percebem) quando doces e brinquedos, ou afeto, são distribuídos de forma desigual. Mesmo as minúsculas recém nascidas apreciam o conforto, detestam ser rejeitadas e são capazes de empatia e antipatia.

Sem dúvida, tanto o ponto de vista baseado na diferença como o baseado na semelhança são importantes, além de não excluídos entre si.

Quando falamos em arte e literatura, ambos têm sua razão de ser.

Creio porém que em alguns casos, o viés da semelhança entre os homens, por permitir o compartilhamento e a identificação de um maior número de pessoas, pode ser mais fértil, relevante e abrangente.

2. Literatura para mercados e literatura mesmo

¹³ “A leitura como agente do conhecimento” publicado na Revista *Carta Fundamental*, outubro de 2010, ISSN 1983-5965.

Trouxe as considerações e dúvidas acima por acreditar que elas podem ser importantes para quem pretenda refletir sobre a chamada literatura para crianças e jovens.

Como disse num estudo realizado em 1997, ainda não publicado, é preciso

*ressaltar a importância de se discutir, com a isenção possível, as diferenças e semelhanças entre adultos e crianças, vistos sempre a partir de suas virtualidades e potencialidades e não de fatores culturais e ideológicos (mas tratados como “naturais”), de idéias cristalizadas e valores pré-estabelecidos que nem sempre correspondem aos fatos. Para qualquer estudo que pretenda tentar compreender e caracterizar a literatura infantil, esta postura, este desafio, é, a nosso ver, um pré-requisito.*¹⁴

No mesmo trabalho, páginas tantas, propus uma comparação entre os contos criados pela escritora portuguesa Ana de Castro Osório (1872-1935) e os contos populares recolhidos por ela, todos eles publicados na coleção “Biblioteca Portuguesa Para as Crianças”, editada em Portugal, pela Casa Editora Para as Crianças, entre 1906 e 1914.

Esclareço que são livros raros e trabalhei com o que consegui encontrar.

Sei que a obra de Ana Osório é da virada do século XIX para o século XX. Mesmo assim, vale a pena pensar sobre ela.

Os primeiros 12 contos, reunidos no livro *Alma Infantil* dirigido à 5ª Série, destinavam-se a um público específico, a criança. Neles, no geral, as mesmas são apresentadas como seres imaturos, incoerentes, egoístas, irracionais, indisciplinados, inexperientes, cegos com relação às coisas da vida e do mundo, que precisariam mudar, crescer, ser domados e assim, finalmente, amadurecer e compreender a realidade, as regras complexas e a sabedoria líquida e certa do mundo adulto.

Os adultos, por sua vez (e em oposição), são apresentados como seres maduros, coerentes, altruístas, sérios, racionais, disciplinados, imparciais, equilibrados, experientes, e responsáveis por princípio (!).

Os temas das histórias, sem exceção, apresentam um caráter utilitário, didático e moralista, além do elitismo, da xenofobia e de idealizações com relação

¹⁴ Dissertação de mestrado *Como o ar não tem cor, se o céu é azul? Vestígios dos Contos Populares na Literatura Infantil*. 1997 – FFLCH-USP, p.165.

aos assuntos da vida e do mundo, recorrentes na época. Hoje em dia poderiam ser definidos como “politicamente corretos”.

Trago o resumo de alguns contos para que o leitor possa sentir melhor seu teor. Nas citações, mantive a ortografia original.

Bertha, a personagem do primeiro conto, "Surpresas de Natal", é apresentada como uma menina rica, geniosa e mimada, que costuma desprezar e caçoar dos pobres.

“O feio costume de se rir dos pobres, dos velhos, dos aleijados e dos feios, principalmente dos que visitavam a casa de sua família, era o que mais desagradava à mãe (...), que não poucas advertências lhe fizera já a esse respeito”.

Num dado momento, Bertha cai em si e percebe que, enquanto tem tudo e sempre ganha muitos presentes no Natal, as crianças pobres não têm nada e vivem uma vida de penúria e miséria. Alegando outros motivos, a boa menina pede dinheiro emprestado aos pais, e generosamente, por conta própria, banca o Papai Noel comprando às crianças da aldeia, onde costuma passar o Natal com seus avós, os mais ricos presentes.

Em “O jardim de Jorge” e “Tristezas de Jorge”, o pequeno Jorge, de início, despreza Portugal, tanto que

“Um dia queixou-se à mãe - que era também quem lhe dirigia os estudos - da injustiça da sorte que o tinha feito nascer num tão pequeno e pobre e desprezado país.”

Mais tarde, acaba se transformando num patriota convicto, a ponto de alterar, com a ajuda sábia e discreta da mãe, o nome de seu cachorro Mardoche, de origem francesa, para Valverde, homenageando uma batalha nacional. Há traços de forte xenofobia nestes dois contos.

No conto “Mães”, a menina Bertha conversando com sua mãe, recebe muitos ensinamentos sobre a vida

– “Mas a mamã, se eu fosse defeituosa, envergonhava-se de me trazer pela rua.

– Que tolice, Bertha! Se me envergonhasse de ti é porque te não estimava. E se assim fosse, achavas que era justo e rasoável que te condenassem por uma coisa de que não tinhas culpa nenhuma e eras a primeira a sofrer? A criatura pode considerar-se culpada por ser má e egoísta, por ter mau coração, ser intriguista, mentirosa, invejosa, em suma, por todos os defeitos morais. O que de modo algum podemos fazer, sem sermos malvados, é desprezar alguém porque a natureza o não fez perfeito.”

Bertha acaba fazendo um aprendizado sobre o imenso amor que todas as mães sempre têm por seus filhos. A menina, num momento de emocionada generosidade, acaba dando seu melhor vestido para servir de mortalha a uma criança vizinha, pobre e aleijada.

Em “Jerônimo”, a personagem principal é descrita como muito levada.

“Teria por ahí uns dez annos, mas, pelo barulho e diabruras que tinha feito durante a sua curta existência, mais se poderia dizer que tinha um século. Os pais andavam sempre em sustos por causa delle, esperando a cada hora vê-lo entrar com a cabeça partida ou as pernas feitas num mólho.”

Por causa de suas estripulias e desobedecendo as ordens da mãe, acaba colocando em risco a vida de sua pequena e inocente irmãzinha¹⁵.

E por aí vão os contos de Ana de Castro Osório.

Transcrevo um último trecho do estudo em pauta:

¹⁵ Idem, ibidem. p.187/189.

Com a idealização e, mesmo, a desumanização do ser adulto, cria-se uma espécie de fosso separando crianças e adultos, como se existissem dois estados etários sólidos e de contorno absolutamente nítido e, por conseguinte, como se entre crianças e adultos não houvessem pontos comuns. (...) Quanto às personagens dos contos, um aspecto se destaca: todas são, invariavelmente, crianças. Essa redução da realidade ligada, a nosso ver, a uma forçada e artificial adaptabilidade às circunstâncias, naturalmente pressupõe como visão da criança um ser separado do mundo adulto, imaturo por princípio, com uma série de características comuns bastante peculiares, constantes e nítidas.

Salientamos também o fato de os contos de Alma Infantil, ainda uma vez sem uma única exceção, abordarem temas “realistas”, no sentido de terem como intento e pretensão representar a “realidade” através de fatos cotidianos absolutamente verossímeis. Nelas não há espaço para poesia, o non-sense, o desconhecido, a perplexidade, o sublime, o imensurável, o paradoxal, a utopia e a fantasia. Ao contrário, fica patente a noção de que com relação a tudo, vida, sentimentos, natureza, existe uma “realidade” palpável, mensurável, lógica, objetiva e nítida.¹⁶

Vejamos agora o que ocorreu com a leitura dos contos tradicionais reunidos e recontados pelas mesma autora. Note-se que os livros *Contos Maravilhosos* dirigidos às 2ª, 6ª e 7ª séries, naturalmente destinavam-se ao público infantil.

No total, como consegui encontrar três volumes, tive acesso a 30 contos¹⁷. Neles, em todas as histórias, as situações temáticas pressupunham três pontos sólidos: 1) personagens jovens ou adultos, nunca crianças (com uma exceção), em busca de sua origem, do auto-conhecimento, da própria identidade ou da auto-afirmação; 2) personagens em busca do amor e do casamento, portanto, do parceiro sexual e 3) personagens em busca da “fortuna”, algo como diferentes formas de estabelecer uma situação financeira estável.

Eis outros tópicos verificados nos contos: a luta do velho contra o novo (conflitos entre gerações, experiência versus inexperiência, jovens transformados em idosos, as disputas entre mãe e filha, madrasta e enteada etc.); o humor, a zombaria, a anedota, enfim, o riso como forma de “experimentar a verdade”; a busca da felicidade pessoal; o adultério; disputas entre irmãos; a existência da maldade humana, da inveja, do ódio, da violência, do crime; a depressão emocional e a desesperança; a existência de forças desconhecidas e imensuráveis (todos, ao contrário dos contos de *Alma Infantil*, onde o racionalismo, a lógica e o “realismo” imperavam.); a morte; a metamorfose (heróis fisicamente transformados em monstros, animais ou objetos); a luta pela transformação de um estado insatisfatório

¹⁶ Idem p. 194.

¹⁷ Destaco, entre outras narrativas, “História do príncipe Luiz”, “A padeirinha”, “História do príncipe encantado no palácio de ferro no reino da escuridão”, “A princesa da Áustria”, “História da princesa que se perdeu na floresta”, “História do mercador e seus três filhos”, “As três cidras do amor”, “História do armador”, “A princesa das pedras lindas” e “O soldado jogador”.

para outro onde a verdade e a justiça são estabelecidas (quase todos); sentimentos humanos genéricos e complexos como a paixão, a generosidade, o amor, a amizade, a compreensão, o egoísmo, o ciúme, a vingança, a ambição, o orgulho, a prepotência, a insegurança, o sarcasmo; o incesto (claramente em dois contos); a existência de mundos utópicos e países imaginários; o espírito de solidariedade; recursos como a personificação e a prosopopéia; a astúcia e o ardil; o pacto com o diabo; menções à vida sexual e, invariavelmente, o desfecho com a vitória do herói, quase sempre com festejos, casamentos e comemorações, ou seja, o chamado “final feliz”.

Sobre o “final feliz”, não há espaço para aprofundar o assunto aqui mas ele é recorrente na grande maioria dos contos tradicionais. Sugiro algumas razões para isso: as culturas populares 1) costumam ser profundamente marcadas pela visão de mundo religiosa (segundo a qual a justiça final necessariamente prevalecerá) e 2) parecem ser enraizadas numa espécie de esperança intrínseca: não faz sentido um camponês trabalhar na terra, assim como um pescador enfrentar o mar, um caçador a mata fechada, ou um camelô armar sua barraca, sem a esperança de que seus esforços tenham chances de ser recompensados. “No fim, tudo vai dar certo” diz o ditado popular. “Se ainda não deu certo, é porque não chegou no fim.”

Por este viés, ao contrário de que poderiam dizer alguns, o “final feliz” pouco ou nada tem a ver com fórmulas literárias, moralismos, posturas pedagógicas ou noções politicamente corretas mas, principalmente, com um certo padrão cultural, certo “nível de consciência”, determinada visão do que sejam a vida e o mundo.

Adaptando o que disse o carnavalesco Joãozinho Trinta: “o povo sempre gostou de final feliz; quem gosta de final infeliz, ceticismo e niilismo é intelectual”. Todorov, aliás, publicou recentemente um livro onde, entre outros assuntos, trata da disseminação mecânica e acrítica do niilismo¹⁸.

Decidi trazer as observações a respeito da obra de Ana de Castro Osório porque, como disse, acredito que elas possam contribuir para uma reflexão a respeito das chamadas literaturas infantil e, no nosso caso, juvenil.

De um lado, em *Alma infantil*, textos criados pela autora, temos temas dirigidos exclusivamente ao público infantil, recheados pelas concepções pedagógicas, morais e sociais dominantes na época.

¹⁸ Tzvetan Todorov. *A literatura em perigo*. 2009.

De outro, nos *Contos maravilhosos*, versões de narrativas populares recolhidas pela mesma autora, em tese dirigidas ao público infantil. Digo “em tese” porque, olhando bem, não são dirigidas a faixa etária nenhuma. São legítimos contos populares, narrativas preocupadas em abordar assuntos importantes da vida concreta, utilizando um discurso público e uma maneira de abordar os temas capaz de interessar a todas as pessoas independentemente de graus de instrução, classes sociais e faixas de idade.

Era onde eu queria chegar.

Suponhamos textos que, nos dias de hoje, pretendam dirigir-se ao público juvenil. Que características teriam eles? De que assuntos tratariam?

Falariam de personagens jovens? Relacionamentos pela internet? Iniciação sexual por meio de *webcams*? Tribos urbanas? Problemas escolares? *Bulling*? *Cyberbulling*? Fitinhas amarradas no pulso anunciando desejos sexuais? Inseguranças variadas? Namoros? Turmas de colegas? Baladas? Questões morais? Preservação do meio ambiente? Lobisomens, monstregos, bruxos e vampiros assustadores ou amistosos? Terror? Cidadania? Guerras nas estrelas? *Games*? Homossexualismo? Pais separados? Tatuagens? Skates? Rock? Esportes radicais? Drogas? Preconceitos? Violência?

Vamos por partes.

Em primeiro lugar, restringir a arte e a ficção a um cardápio de temas da moda é do interesse de indústrias, comércios e eventuais especialistas mas pode nos levar à institucionalização da mediocridade. A escritores e artistas, convenhamos, cabe produzir não o que o mercado quer, mas aquilo que o mercado não sabia que queria ou jamais imaginou. Cabe também a eles, por meio da ficção e de uma grande liberdade no uso da linguagem, especular sobre a existência concreta dos homens, seus conflitos, seus desejos, crenças, valores, dúvidas e contradições.

É preciso saber diferenciar escritores de redatores. Estes, sim, por razões profissionais, têm como responsabilidade transmitir informações, fazer publicidade, ensinar, prescrever, indicar, convencer ou vender seja produtos, seja idéias. O caráter do trabalho do redator é essencialmente impessoal e utilitário.

Em segundo lugar, podemos escrever sobre o tal *bulling* ou qualquer outro tema indicado e recomendado pelo especialista de plantão, de forma que o leitor adulto leia e diga: “isso é coisa de jovens, nada a ver comigo”.

Mas podemos escrever sobre *bulling* de forma que o mesmo leitor diga: “conheço esse assunto, isso me emociona, isso me faz pensar, poderia acontecer comigo também”.

Refiro-me, em suma, à possibilidade e à busca de uma identificação entre todas as pessoas.

Antes de continuar, para facilitar as coisas, vamos dividir os textos de maneira arbitrária mas útil, considerando separadamente forma e conteúdo.

No plano da forma e, mais precisamente, no plano da linguagem, certos livros aparentemente podem ser considerados “adultos”.

Olhando bem, isso em geral ocorre porque recorrem a discursos densos e elaborados, implicam erudições e citações, recursos como metalinguagem, “fluxos de consciência”, sobreposições de códigos, fragmentações, inovações, desautomatizações e experimentações de toda ordem, o que os torna complexos e de leitura difícil.

Na verdade, textos assim exigem um leitor diferenciado e demandam necessariamente leitura, releitura, análise e interpretação. São escritos por especialistas tendo em vista a leitura de especialistas. E mais: nem de longe poderiam ser considerados “adultos” até porque a maioria dos adultos, independentemente de graus de escolaridade, seria incapaz de lê-los. São, isso sim, obras esotéricas criadas tendo em vista um público de iniciados, em geral com formação técnica e universitária.

A erudição e as experimentações discursivas são importantes, têm seu lugar e sua razão de ser. Mas não são tudo e, fora isso, têm seus preços. Textos eruditos e experimentais, por serem excludentes, dificilmente serão populares, ao contrário. Na sua maioria, creio, também serão incapazes de interessar boa parte dos jovens.

Ainda no plano da linguagem, podemos, porém, encontrar textos que recorram programaticamente à linguagem compartilhável, utilizem vocabulário público e acessível, valorizem a narratividade, recorram a fórmulas e outros recursos que claramente pretendem seduzir, cativar e estabelecer comunicação imediata com o leitor.

Textos assim não pretendem atingir nenhum público específico: simplesmente são populares, ou seja, dirigem-se a todo mundo.

No plano do discurso, portanto, talvez não seja o caso de imaginar literaturas para adultos e para jovens mas, sim, obras preponderantemente eruditas e obras preponderantemente populares.

No início do artigo, mencionei a existência de diferenças entre culturas marcadas pela escrita e culturas marcadas pela oralidade e suas respectivas implicações. Como estamos falando de discurso, vou dar apenas um exemplo, entre outros, das várias questões que podem surgir com relação ao assunto. Para isso, vou me valer dos estudos sobre “atos de fala” desenvolvidos por Austin e Searle¹⁹.

Creio que nos discursos populares, marcados pela cultura oral, a tendência é o “ato locucionário” (o que se diz) ficar colado à sua “força ilocucionária” (o que se quis dizer). Neste caso, o escritor escreve mais ou menos como se estivesse falando com um ouvinte numa situação face-a-face.

Já nos discursos eruditos e especializados, marcados pela cultura escrita, a tendência é o “ato locucionário” estar separado de sua força. O que é dito e o que se quis dizer são, ou costumam ser, coisas diferentes. Neste caso, o escritor escreve para alguém que supostamente levará o texto para casa e poderá ler, reler, analisar, consultar dicionários, meditar e interpretar.

Não é preciso dizer que estão em jogo estratégias e procedimentos com a palavra bastante diferentes. Para ilustrá-las, bastaria comparar o texto de uma palestra “ao vivo” com o texto de um artigo, do mesmo autor sobre o mesmo assunto, porém escrito tendo em vista a publicação.

Naturalmente estou falando em tese. Não existem fronteiras claras entre discursos e tudo isso precisaria ser sempre matizado. Estou apenas propondo um modelo esquemático para poder pensar.

Vejamos agora o plano do conteúdo.

Minha sensação é a de que se colocarmos os temas considerados “juvenis” listados acima como o assunto principal e exclusivo do texto, teremos uma literatura de cunho funcional que pretende tratar de “problemas específicos” e apresentar ou defender uma tese de como resolvê-los. Neste sentido, muitas vezes estaremos diante de obras que tentam “vender um peixe”, ou seja, absolutamente vinculadas ao espírito dominante: uma literatura que pretende, utilitariamente, dar uma lição ou convencer o leitor de alguma coisa. Trata-se, em suma, de uma produção proselitista, que ensina, prescreve e preconiza, feita por quem sabe, para ser lida por quem não sabe.

Alma infantil de Ana de Castro Osório é um bom exemplo desse tipo de obra.

¹⁹ C.f. J.L. Austin *Quando dizer é fazer – Palavras e ação*. 1990 e John Searle. *Expressão e significado. Estudos da teoria dos atos de fala*. 2002.

Talvez se recorrêssemos aos mesmos temas citados mas mesclados ou enraizados, por exemplo, nos assuntos tratados nos contos populares recolhidos pela mesma autora, a paisagem fosse outra.

Neste caso, os problemas “específicos” de jovens passariam para um plano secundário e os temas capazes de estabelecer identificação entre todas as pessoas, independentemente de graus de instrução, classes sociais e faixas de idade, ocupariam o espaço principal.

A questão da chamada “literatura juvenil” portanto talvez seja principalmente uma: textos criados tendo como objetivo estabelecer a identificação exclusiva de jovens *versus* textos criados tendo em vista algo mais do que isso, algo capaz de estabelecer identificação nos mais variados tipos de pessoas.

Minha sensação é a de que escrever para crianças, jovens ou quem quer que seja, a partir de um cardápio de assuntos e temas considerados específicos ou exclusivos, “recomendados” e “prescritos” por mercados e especialistas, pode ser um grande equívoco.

Prefiro supor que as eventuais particularidades de crianças ou de jovens, além de bastante relativas, conjunturais e efêmeras, são irrelevantes se comparadas aos pontos comuns existentes entre todos os seres humanos independentemente de faixas etárias.

Uma literatura que parta da semelhança entre todos os homens, na minha visão, será, neste caso, sempre mais fértil e enriquecedora.

Antes de concluir, trago mais um complicador. Peço licença para citar três poemas. O primeiro é “As válvulas” de Murilo Mendes²⁰.

*As válvulas da valva. As válvulas da vulva.
As válvulas da viola. As válvulas do vulgo.
As válvulas do povo. As válvulas do polvo.
As válvulas da valsa. As válvulas da viúva.*

O segundo é “Assombros” poema de Affonso Romano de Sant’Anna²¹:

*Às vezes, pequenos grandes terremotos
ocorrem do lado esquerdo do meu peito.*

Fora, não se dão conta os desatentos.

Entre a aorta e a omoplata rolam

²⁰ Murilo Mendes. *Convergência*. 1970.

²¹ Affonso Romano de Sant’Anna. *Lado Esquerdo do Meu Peito*. 1992.

alquebrados sentimentos.

*Entre as vértebras e as costelas
há vários esmagamentos.*

*Os mais íntimos
já me viram remexendo escombros.
Em mim há algo imóvel e soterrado
em permanente assombro.*

O último exemplo: “Estrela da manhã” de Manuel Bandeira²².

*Eu quero a estrela da manhã
Onde está a estrela da manhã?
Meus amigos meus inimigos
Procurem a estrela da manhã*

*Ela desapareceu ia nua
Desapareceu com quem?
Procurem por toda parte*

*Digam que sou um homem sem orgulho
Um homem que aceita tudo
Que me importa?
Eu quero a estrela da manhã*

*Três dias e três noites
Fui assassino e suicida
Ladrão, pulha, falsário*

*Virgem mal-sexuada
Atribuladora dos aflitos
Girafa de duas cabeças
Pecai por todos pecai com todos*

*Pecai com os malandros
Pecai com os sargentos
Pecai com os fuzileiros navais
Pecai de todas as maneiras
Com os gregos e os troianos
Com o padre e com o sacristão
Como leproso de Pouso Alto*

Depois comigo

*Te esperarei com mafuás novenas cavalcadas
comerei terra e direi coisas
de uma ternura tão simples
Que tu desfalecerás*

*Procurem por toda parte
Pura ou degradada até a última baixeza
Eu quero a estrela da manhã.*

Note-se nos poemas citados o discurso marcado pela subjetividade, a grande variedade de usos e recursos da linguagem e, além disso, o caráter essencialmente não

²² Manuel Bandeira. *Estrela da vida inteira*. 1966.

utilitário de todos eles. Poderia trazer vários e vários outros poemas, assim como crônicas, contos, novelas e romances.

Quem disse que textos assim não poderiam agradar, emocionar e gerar identificação entre jovens? Quem decretou isso? Baseado em que estudo?

Estariamos construindo nosso pensamento crítico a respeito da literatura e da arte tomando por base procedimentos pedagógicos e princípios de *marketing*?

Talvez os jovens não costumem ler textos como esses, não por serem jovens e pertencerem ao “mercado juvenil” mas, tirando as questões de ordem econômica, principalmente por andarem em companhia de pais, professores e outros adultos que não são leitores, desconhecem a poesia e a literatura de ficção e nem de longe estão capacitados a apresentar aos “recém chegados” as questões relativas à sociedade, à cultura e aos homens.

Dizem que toda carta de amor é ridícula.

Talvez porque, no fundo, costumem ser, ao mesmo tempo, infantis, juvenis e adultas. Neste sentido, elas nada têm a ver com erudições, modernidades e discursos especializados, muito menos com produtos comerciais, estatísticas, mercados consumidores e pesquisas de opinião.

Se têm ou não a ver com a arte e a literatura, é a última questão que deixo para o leitor.

Bibliografia

- AMADO, Jorge. *Capitães da Areia*. São Paulo, Companhia das Letras, 2008.
- ARENDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. São Paulo, Perspectiva, 2007.
- AUSTIN, J.L. *Quando dizer é fazer – Palavras e ação*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1990.
- AZEVEDO, Ricardo. Dissertação de mestrado *Como o ar não tem cor, se o céu é azul? Vestígios dos Contos Populares na Literatura Infantil* – FFLCH USP, 1997. Não publicada. Disponível no site www.ricardoazevedo.com.br
- BANDEIRA Manuel, *Estrela da vida inteira*, Rio de Janeiro, José Olympio, 1966.
- BERGER, Peter L. e LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade*. Petrópolis, Vozes, 2002.
- DA MATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis – Para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.
- DUMONT, Louis. *O individualismo - Uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*. Rio de Janeiro, Rocco, 2000.
- ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1994.
- JUNQUEIRA, Lia. *Abandonados*. São Paulo, Ícone, 1986.
- MENDES, Murilo. *Convergência*. São Paulo, Duas Cidades, 1970.
- OLSON, David. *O mundo no papel – As implicações conceituais e cognitivas da leitura e da escrita*. São Paulo, Editora Ática, 1997.
- OSBORNE, Harold. *Estética e teoria da arte*. São Paulo, Cultrix, 1970.
- OSÓRIO, Ana de Castro. *Alma Infantil 5ª Série*. e “Biblioteca Portuguesa Para as

- Crianças” Portugal, Casa Editora Para as Crianças, entre 1906 e 1914.
-
- Contos Maravilhosos 2^a, 6^a e 7^a Séries. “Biblioteca Portuguesa Para as Crianças”, Portugal, Casa Editora Para as Crianças, entre 1906 e 1914.
- PAIVA, Aparecida, MARTINS, Aracy, PAULINO, Graça e VERSIANI, Zélia Org. *Literatura e Letramento – Espaços, suportes e interfaces – O jogo do livro* - Belo Horizonte – Editora Autêntica – 2003.
- SANT’ANNA, Affonso Romano de. *Lado Esquerdo do Meu Peito*, Ed. Rocco - Rio de Janeiro, 1992.
- SEARLE, John R. *Expressão e significado. Estudos da teoria dos atos de fala*. São Paulo, Martins Fontes, 2002.
- TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. São Paulo, Difel, 2009.